

Rio, 20 de janeiro de 2005
Cadeiras, médicos e pacientes
ALFREDO GUARISCHI

A cadeira é o instrumento médico mais importante que existe, pois permite que médico e paciente discutam seus problemas. Nada mais atual do que discutir o tema, em face do colapso que o setor de saúde está vivendo.

A relação entre médico e paciente torna-se cada dia mais difícil, em boa parte pela intromissão de leigos de todas as áreas. É a “globalização” de uma relação interpessoal. A discussão solidária vem sendo substituída muitas vezes por posições beligerantes. Custos, carências, erros para uns, complicações não esperadas para outros, tratamentos e exames sem cobertura causam um grande desgaste. As demoradas explicações a funcionários burocratas que têm um fone no ouvido e a tela de computador à sua frente são outra fonte de transtorno. Acabou a fase romântica da medicina, da relação direta do médico com o paciente, sentados no consultório.

Cadeiras costumam ter quatro pés. Na do médico chamo os frontais de pés da experiência e da ciência. Os posteriores são os da consciência e do bom senso. Alguns profissionais fazem movimento de pêndulo. A segurança destes movimentos depende da solidez dos quatro pés — pode resultar em quedas, quase sempre com graves conseqüências.

Os pés da experiência e da ciência saem de fábricas conhecidas como faculdades de medicina. A cada três meses, nos últimos sete anos, uma nova faculdade foi inaugurada de modo festivo. São mais de cem atualmente no Brasil, o que está levando a degradação na qualidade profissional, muitas vezes impossível o condicionamento em “oficinas”, algumas chamadas de pós-graduação. A proliferação de faculdades de má qualidade advém do interesse comercial.

Os pés da cadeira do paciente têm diversos nomes: medo, confiança, raiva, segurança, incerteza e sofrimento. Um deles, contudo, sempre é chamado de esperança. Já a cadeira do médico sempre precisa dos seus quatro pés íntegros.

Estranha diferença: as leis que regem a física, quando aplicadas no contexto da relação médico-paciente, determinam resultados diferentes.

Talvez a psicanálise é que tenha chegado mais perto de entender a necessidade deste simbolismo — o divã para o paciente e a cadeira para o terapeuta. Apesar desta disposição ensejar várias discussões, havia, na busca de Freud, a preocupação sobre como deveria ser o encontro com os seus pacientes.

A terapia freudiana clássica perdeu terreno, bem como a medicina tradicional. Não-médicos praticam algumas formas de tratamento com total autonomia e regras próprias. Parte do valor simbólico da cadeira-divã foi também perdendo terreno. Virou mera peça de mobiliário.

Infelizmente, em instituições de atendimento de massa, as conversas entre médicos e pacientes por vezes são em pé, em corredores — ou com o paciente sentado num banco.

Precisamos recuperar o significado da cadeira, com seus nomeados pés, como símbolo nas relações entre médicos e pacientes.

ALFREDO GUARISCHI